

TEMPO E LAZER: RELAÇÕES COM O TEMPO LIVRE

SPARE TIME AND LEISURE

Luiz Carlos Rocha^{*}
Wellington Araújo Silva^{**}

RESUMO

O presente artigo busca desenvolver uma reflexão sobre o tempo e a sua relação com a prática do lazer, com o intuito de estabelecer relações que estimulem a produção de cultura através das vivências lúdicas.

Palavras-chave: Lazer. Tempo livre. Ludicidade.

INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende provocar nos leitores uma reflexão sobre o lazer a partir de uma abordagem centrada na discussão do “tempo”, buscando identificar de que maneira ele contribuiu na formulação e compreensão do conceito de lazer que se tem hoje na sociedade. Entendido como um fenômeno histórico e social, estabelece relações com o trabalho, a política, a educação, sendo capaz de produzir cultura através das ações que estimulam a vivência lúdica.

Considerando que o lazer desde as sociedades antigas até os dias atuais vem assumindo diferentes concepções que estão orientadas pelos determinantes político, econômico e cultural de cada momento histórico, é que se pretende fazer uma breve síntese cronológica da discussão do tempo e das relações que este estabelece com o lazer nos diversos contextos da sociedade.

Atualmente, é crescente o número de pessoas e estudiosos de diferentes áreas do conhecimento que têm buscado o lazer como uma fonte de inspiração para enfrentarem os problemas sociais – seja como uma válvula de escape das dificuldades quotidianas

características da sociedade moderna urbano-industrial, seja como uma forma pouco habitual de investigar e entender esta mesma sociedade. Pode-se, inclusive, afirmar que tal comportamento até pouco tempo era “impossível” de ser imaginado, já que as relações sociais estavam todas elas orientadas pelo paradigma do trabalho que era, para a maioria dos teóricos, o determinante da estrutura social. Nesta perspectiva, o lazer era entendido como antagônico aos interesses do sistema produtivo e, portanto, pouco relevante na análise de compreensão da sociedade.

Na introdução do livro “O Direito à preguiça” (LAFARGUE, 1999), Chauí descreve com muita propriedade o instante exato em que ocorreu o processo de transição da visão do trabalho enquanto um “castigo divino”, para uma novo entendimento do mesmo, enquanto uma prática virtuosa e reconhecidamente divina. Citando Max Weber e o seu clássico texto, “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, Chauí tenta “desvendar as relações entre capitalismo e a posição assumida do trabalho como virtude”, mostrando como este, enquanto categoria de análise, passou a ser importante na organização e funcionamento da sociedade.

^{*} Professor da Universidade do Estado da Bahia e da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia. Mestrando em Educação e Contemporaneidade/UNEB.

^{**} Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia. Mestrando em Engenharia de Produção/Mídia e Conhecimento/UFSC.

Influenciada pela lógica deste sistema capitalista, a sociedade contemporânea passa por um processo de crise nas suas relações produtivas, marcada, sobretudo, por uma nova divisão internacional do trabalho e uma nova regionalização do mundo, baseada na concentração do capital e do conhecimento técnico-científico. Esses têm proporcionado um conseqüente aumento da exclusão, evidenciada principalmente pela elevação do desemprego, do subemprego, e dos altos índices de violência, mortalidade, miséria absoluta etc., que se têm verificado atualmente.

Simultaneamente a esse processo crescente de exclusão social, percebe-se que cada vez mais aumenta o interesse da população pelo lazer e por espaços e equipamentos que atendam a essa demanda, elevando significativamente os setores da sociedade que têm buscado se adaptar a essa realidade – como é o caso da indústria do turismo e do lazer que se desenvolve de forma assustadora, das prefeituras que têm construído praças e espaços de lazer (sobretudo nos grandes centros urbanos), dos cursos de graduação e pós-graduação que têm alterado os seus currículos, etc. Tudo originado por uma demanda explicitada, principalmente, nas reivindicações da população por mais áreas de lazer, chegando ao ponto de se ter, em algumas sociedades desenvolvidas, o tempo do lazer suplantando o tempo do trabalho:

é como se, após dois séculos de domínio de Prometeu o deus grego do trabalho, Dionísio, o deus grego do prazer, voltasse outra vez para inspirar aos homens um novo mito de existência (CAMARGO, 1998, p. 10).

É nesse contexto, portanto, que se pretende refletir sobre o *tempo do lazer* e seus impactos na contemporaneidade, avaliando a situação específica do Brasil. Espera-se, dessa forma, contribuir para a superação da visão restrita que vê o lazer enquanto uma mera prática de entretenimento, diversão e ocupação do tempo, passando a entendê-lo como uma atividade construtora do ser humano e, portanto, uma prática histórica e social pertencente ao repertório cultural da humanidade, capaz de produzir uma nova cultura por meio da

ludicidade, alimentando os desejos e sentidos de liberdade, autonomia, criatividade e prazer.

CONCEITO DE LAZER

Abordar o lazer numa sociedade centrada na concepção do trabalho enquanto único paradigma capaz de explicar os fenômenos sociais é certamente um grande desafio que está posto para todos os pesquisadores do lazer. Segundo Franceschi Neto (1993, p.15),

a mitificação do trabalho na sociedade ocidental, foi por muito tempo responsável pela desvalorização do lazer, pois o apresentava como negação do trabalho; a 'Ideologia do Trabalho' e a 'Ética Cristã', foram responsáveis por essa mitificação e reduziram o lazer a uma simples pausa entre dois momentos de trabalho.

A ideologia do trabalho, que vê no lazer a sua negação, apresenta o trabalho como única forma do homem realizar-se como tal e através dele conquistar a sua liberdade, ao que Bagolini se põe como crítico, dizendo que através desta ideologia o trabalho é exaltado como única dimensão do homem e que nele está a liberdade. As justificativas para estas afirmações encontram-se nos ditos dos filósofos como KANT, que colocava o trabalho como o primeiro fundamento da existência, e CROCE, para quem o não-trabalho é não ser, é morte (FRANCESCHI NETO, 1993, p. 15).

Paradoxalmente ao exposto, o lazer se apresenta hoje como um essencial direito social da população. Sua importância está relacionada diretamente à profusão das elaborações teóricas sobre o tema mas, principalmente, às constantes reivindicações por espaços de lazer.

No Brasil, o lazer vem ganhando cada vez mais campo, a partir do aumento de publicações das dissertações e teses, muitas das quais têm prestado enormes contribuições teóricas à discussão, permitindo o acesso ao conhecimento na área e, conseqüentemente, aprofundamento no tema.

Não obstante, o lazer ainda se encontra bastante difuso, permitindo conceituações que, apresentadas por diferentes autores, ainda não conseguem estabelecer um consenso sobre a questão, sobretudo no que diz respeito aos seus objetivos para com a sociedade brasileira. É possível afirmar, segundo Franceschi Neto (1993, p. 21), que este fato se deve, fundamentalmente, ao subjetivismo com que o assunto vem sendo tratado, causando uma amálgama de definições que dificultam sobremaneira o entendimento do lazer, fazendo com que o mesmo ainda seja visto pela sociedade brasileira como algo menor.

Considerando que a conceituação do lazer é um tanto quanto complexa, é comum a maioria dos autores se orientarem pela clássica definição de Dumazedier (2000, p. 34), que diz:

o lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Sendo assim, o presente texto pretende discutir o lazer dentro dessa complexidade, tentando identificar as contribuições que ele coloca para a compreensão dos inúmeros fenômenos que ocorrem no seio da sociedade, principalmente no que se refere às micro-relações que se estabelecem no campo social.

Segundo Magnani (2000) o Lazer, por conseguinte, não é apenas um campo promissor de atividades, de negócios, de intervenção: é também um campo a partir do qual se pode pensar a sociedade atual, com seus conflitos. Suporte de múltiplos significados, o lazer oferece uma via de acesso ao conhecimento dos impasses e possibilidades que se abrem na sociedade contemporânea.

Como não será possível neste trabalho abordar todas as questões que estão relacionadas à discussão dessa temática (lazer), foi escolhida a categoria "Tempo", como objeto de nossas preocupações, até por entender-se a necessidade de se estar repensando esse ponto não numa

perspectiva exclusivamente cronológica, mas, sobretudo, discutir o tempo como uma categoria dinâmica e, portanto, também responsável pelas transformações sociais, a partir das sucessivas modificações ocorridas nos múltiplos tempos existentes na sociedade.

AS RELAÇÕES ENTRE TEMPO E LAZER

Entendendo a temporalidade como condição essencial da vida humana buscamos, neste espaço, aprofundar as discussões sobre as relações existentes entre tempo e lazer, nos diferentes períodos históricos da sociedade.

Gouvitch (*apud* ROLIM, 1989, p. 43) comenta que:

Se é verdade que a cultura é a segunda natureza do homem, também é verdade, ao que tudo indica, que não é possível compreender um tipo historicamente particular de estrutura da personalidade humana sem ter estudado os modos de percepção e de apercepção do tempo inerentes à cultura correspondente. O sentimento do tempo é um dos 'parâmetros' essenciais da personalidade.

Para Rolim (1989), o 'Tempo' pode ser definido como tempo natural ou cíclico, vetorial, mecânico e psicológico, que está em relação direta com as diferentes épocas históricas: idades antiga, média, moderna e contemporânea, respectivamente.

Segundo o autor, na Idade Antiga, o tempo era definido pela natureza: o homem e a mulher se orientavam pelos fenômenos naturais, como os ciclos das estações e o nascer e pôr do sol. Nessa época, "o sentimento do tempo é limitado em sua extensão, pois estende-se apenas ao futuro mais próximo a ao passado mais recente" (ROLIM, 1989, p. 43-44).

Não há, portanto, separação entre o tempo de trabalho e o tempo de lazer, pois ambos são direcionados a partir das características próprias de cada momento, como o tempo de plantar e o tempo de colher, por exemplo.

O tempo cíclico não faz separação entre trabalho e lazer. A Natureza sabiamente oferece este, quando bem lhe apraz (ROLIM, 1989, p. 44).

Werneck (2000, p. 21-23) comenta que

os primeiros sentidos de lazer estavam relacionados com o ócio que significava, para os gregos, desprendimento das tarefas servis, condição propícia à contemplação, à reflexão e a sabedoria”. No entanto, mesmo sendo o lazer visto como algo nobre e acessível a uma privilegiada minoria, era intensa a participação de todos em práticas culturais diversas, tais como jogos, festas, divertimento e outras comemorações sociais. Tamanha era a importância do lazer, que pensadores como Aristóteles chegavam a avaliar uma civilização pela capacidade desta encorajá-lo.

Para os gregos o lazer poderia contribuir significativamente com o aprimoramento da sensibilidade e com a educação do gosto, tão importante para alcançar as virtudes. Nesse processo, o lazer é o contraponto do trabalho: o afastamento das atividades produtivas levaria ao ócio, ao lazer, à contemplação.

Na Idade Média, o tempo cíclico se rompe, tornando-se fluido, não mais depende da natureza, mas da Igreja que, através do badalar dos seus sinos, marca o tempo humano, tornando-o sagrado, controlando as horas e definindo o tempo de trabalho e o tempo do não-trabalho (definido pelos dias santos). Os momentos de lazer aqui são colocados como um momento de encontro, de festas e em oposição ao trabalho.

Nesse período, o lazer e o trabalho ganham novos sentidos que estão diretamente relacionados à presença de Deus. Estes deveriam se afastar dos prazeres da vida mundana. O lazer só deveria ser vivenciado e estimulado se buscasse elevar a alma à Deus, impregnando os valores morais, sobretudo os essenciais ao mundo do trabalho, à estruturação da família e à Igreja como corporação universal, possibilitando assim, a utilização do lazer e do trabalho como eficientes mecanismos de controle moral e social.

Embora a categoria tempo não representasse condição básica para a vivência do lazer, esta mudança de critério não se deu sem resistência.

Nas cidades os artesãos e comerciantes não aceitavam de bom grado essa determinação do tempo. Nos campos, o agricultor lutava e dividia-se entre o tempo natural e o tempo sacral, procurando um equilíbrio nessa dualidade (ROLIM, 1989, p. 46).

No entanto, apesar das diversas frentes de luta contra o tempo vigiado pelo clero, o desenvolvimento da sociedade e a expansão do comércio passam a exigir uma nova forma de aferição do tempo.

a mensuração mais exata do tempo surge com a criação dos relógios [...] eles dessacralizam o tempo, indicando nas torres das prefeituras das cidades européias o "tempo secular" em contraposição com o badalar dos sinos marcando o tempo sacral (ROLIM, 1989, p. 46).

Mas não só o relógio, nessa época, marcava o tempo do homem e da mulher. As máquinas que vão surgindo também cumprem esse papel, racionalizando o tempo do trabalho e o tempo do não-trabalho.

Há intervalos entre um tempo de trabalho e outro. Denomina-se 'tempo livre' [...] contudo, só será livre mesmo se puder ser empregado pelo indivíduo da forma com lhe apraz. (ROLIM, 1989, p. 47)

Porém, isso não ocorre. O tempo do não-trabalho passa a ter uma relação direta com a atividade produtiva; o momento "livre" passa a ter valor na medida em que o mesmo serve para a recuperação das forças produtivas. O homem apressado e sem tempo é o homem valorizado – o retrato da sociedade. O lazer passa a ser um instrumento, servindo como um meio para o trabalho produtivo, não tendo nenhum valor em si.

Esse momento de transição entre a sociedade Medieval e Moderna, que segundo Chauí (*apud* WERNECK, 2000) inicia-se com o Renascimento, é marcada por muitas crises que vão desde conflitos intelectuais, políticos entre e Igreja e Estado, e de indefinição teórica, até uma

efervescência epistemológica, intelectual e artística.

Atualmente, parece haver uma tentativa de romper com toda essa lógica gestada desde a idade antiga. Homens e mulheres procuram redimensionar suas ações na busca de vivenciarem seu próprio momento, senti-lo na plenitude do possível. Poder-se-ia até dizer, guardada as devidas proporções, que homens e mulheres passam a ter um momento próprio, onde suas ações não estão subordinadas a nenhum propósito, a não ser o seu próprio bem estar.

Surge, o que na sociedade oriental, há muito, já se tem consciência, o tempo psicológico,

[...]aquele que considera o íntimo de cada ser humano na sua receptividade aos fatos, às coisas e aos seres. É o tempo que se viveu consciente e profundamente, não em quantidade, mas em qualidade (ROLIM, 1989, p. 47),

possibilitando a homens e mulheres trazer à luz características próprias da sua personalidade, onde a contemplação, em oposição a ação produtiva do tempo mecânico, passa a ter um valor em si. É a dimensão/experiência estética presente na re-significação do tempo.

Teóricos como Gebara (1997, p. 62) contam que "o tempo é uma dimensão fundamental que articula nossos sistemas físicos, sociais e biológicos", que se expressam nas diversas formas de marcar o tempo, nas diferentes culturas.

O referido autor salienta, ainda, que a ruptura com essas formas singulares de marcar o tempo, ocorreram com o desenvolvimento do capitalismo industrial, que implicaram na generalização do controle, regularidade e universalização da medição do tempo.

Analisando de maneira mais profunda a abordagem apresentada por Gebara (1997), percebemos que ela tem conseqüências profundas no processo de organização social. O tempo, que até então era determinado pela capacidade que o homem dispunha para desenvolver suas atividades quotidianas, como cultivar a terra e fazer atividades domésticas, que dependiam basicamente da sua condição

física, agora com a introdução da máquina, passa a ter uma importância secundária, sendo que pela "primeira vez na história, o ritmo do ser humano, passa a ser uma variável dependente. É o ritmo da máquina o fator determinante do ritmo geral do processo de produção e, nesta medida, determinante do ritmo do homem" (GEBARA, 1997, p. 63).

Temos, portanto, um processo de transição, onde a ação motora humana, deixa de ser determinante, e passa a ser "exteriormente controlada em seu ritmo", podendo ainda ser potencializada a partir de interesses econômicos ou de outra natureza ideológica.

Sendo assim, o tempo natural baseado no ciclo de ocorrências da natureza, é substituído por instrumentos como o relógio, perdendo espaço e tornando-se cada vez mais particularidade das regiões e culturas, que conseguem assegurar seus valores e crenças, ainda que estes estejam em desacordo com o projeto produtivo hegemônico, que exerce seu controle crescente baseado no ritmo da máquina, estabelecendo para toda a sociedade indistintamente das suas características políticas, culturais, religiosas, dois tempos: o do trabalho e, conseqüentemente, o do não-trabalho.

Considerando a densidade das argumentações apresentadas por esta linha de raciocínio, pode-se afirmar segundo Gebara (1997), que o tempo estaria dividido em duas etapas: o microtempo e o macrotempo. O primeiro seria marcado pela criação e posterior controle que o relógio exerceu sobre a sociedade, universalizando as ações humanas, que passam a ser medidas e controladas igualmente em qualquer parte do mundo. E, para além deste tempo, um outro: o macrotempo, que simbolizado pelo calendário, possibilita o controle político do tempo.

Isso torna-se possível porque, sendo o calendário "uma conquista social que dirige, orienta e organiza múltiplos componentes da vida pública cotidiana", permite a quem tiver condições de manipulá-lo, o poder de ter nas mãos um forte instrumento de controle do tempo social, ao qual todos estão submetidos.

Segundo Le Goff (*apud* GEBARA, 1997, p. 68),

uma função essencial do calendário é o de ritmar a dialética do trabalho e do

tempo livre. Trata-se de permitir o entrecruzamento do tempo mais disciplinado, mais socialmente controlado, com o tempo cíclico das festas e, mais flexível, do jogo.

Portanto, podemos afirmar que no mundo moderno (globalizado), onde as relações sociais são hegemonicamente voltadas para o capital, o tempo também se transforma numa mercadoria que é apropriada pelos grupos dominantes que determinam as condutas sociais. Nesse sentido, o “tempo livre” ou “tempo disponível” destinado ao lazer, passa a ser visto com uma forma de se ganhar dinheiro, acumulando lucros, que alimentam a lógica e a permanência do pensamento centrado no capitalismo industrial.

Considerando então os aspectos que foram até o momento abordados, é possível manifestarmos nossas primeiras impressões sobre as relações existentes entre as categorias tempo e lazer.

Entendendo o tempo, como uma dimensão fundamental para a compreensão do lazer, é preciso analisá-lo nos seus diferentes momentos históricos, que acabam demonstrando o tipo de lazer ao qual estamos submetidos. Sobretudo em tempos pós-modernos, onde percebemos a dissolução de formas de vida e de conceitos como classe, família, profissão, etc., dando espaço para a emergência de novas formas de organização da vida, do trabalho, do lazer.

Deleuze (*apud* RAGO, 2000, p. 6-7), comenta que:

a mutação do capitalismo trata, fundamentalmente da mudança e sofisticação das formas de controle social, passando-se da fábrica para a empresa, do investimento na construção dos 'corpos' politicamente dóceis e economicamente produtivos, submetidos à exploração produtiva num sistema concentracionário, esquadrihado e fechado, para a disposição e circulação sob controle contínuo dos 'corpos flexíveis', em espaços amplos e abertos, necessários para as novas formas capitalistas de dominação social.

Para Rago (2000) estas "novas formas capitalistas de dominação social", encaixam-se perfeitamente nas práticas de lazer que hoje são

oferecidas na sociedade, como diferentes modos de controle. Explica Deleuze citado por Rago (2000, p. 6-7),

no novo mundo globalizado, sem barreiras nem fronteiras, importa não mais o homem disciplinado do capitalismo de produção, mas o homem 'ondulatório' da sobre produção, funcionando em órbita num feixe contínuo.

A autora, tentando entender em que momento nos perdemos, cita Richard Sennett, autor de *O declínio do homem público*, quando ele comenta que

o enorme investimento do homem contemporâneo no privado e na subjetividade, decorre de uma profunda descrença no mundo público, cada vez mais percebido como lugar da violência, da guerra, da competitividade extremada [...].

Diz ainda,

o medo do convívio num mundo de estranhos, constituído pela industrialização e pelo surgimento das grandes metrópoles, teria levado os indivíduos a se recentrarem cada vez mais em si mesmos, recusando-se a buscar e a propor novas experiências de sociabilidade no espaço público.

Considerando as questões apontadas acima, é possível compreender o quão importante é o entendimento do tempo, para desvendar os mistérios das novas formas de socialização existentes na contemporaneidade, estabelecidas a partir das redes de comunicação que se expressam de maneira diversificada.

A idéia de “tempo” regido pelo mercado, representou a limitação do tempo livre às atividades de "fins de semana, aos momentos das festas, das evasões e outras diversões". A inversão dessa concepção de tempo, pode representar justamente o contrário, permitindo a intensificação no uso do tempo livre, de forma a recuperar as relações multiculturais, étnicas e sexuais existentes na atualidade.

Nesse sentido, é que buscamos nos apropriar das discussões sobre o tempo, pois somente

podemos transformar aquilo que conhecemos, e como o próprio texto aponta, é necessário repensarmos nosso conceito de tempo, para estabelecermos novas relações com o “tempo livre” e conseqüentemente com o lazer.

CONCLUSÃO

Como podemos perceber, as diversas fases do tempo, que vai do natural ao psicológico, passando pelo vetorial e mecânico e as suas conseqüentes influências no cotidiano dos

indivíduos em diferentes momentos da história, já aponta a importância do aprofundamento sobre a categoria “tempo” para a necessária compreensão do lazer, entendido aqui como não mais antagônico ao trabalho nem tampouco como complementar ao mesmo, mas como um componente essencial no desenvolvimento do humano no homem que, envolvido pelo micro e macrotempo, busca o seu espaço singular, o seu tempo particular do encontro e despertar. Do encontro consigo mesmo e do despertar para novas possibilidades.

SPARE TIME AND LEISURE

ABSTRACT

This paper aims to develop a reflection on spare time and its relationships to leisure that stimulate the cultural production by ludic experiences.

Key words: Leisure. Spare time. Ludicrous.

REFERÊNCIAS

CAMARGO, L. O. de L. **Educação para o lazer**. São Paulo: Moderna, 1998.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

ELIAS, N. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

FRANCESCHI NETO, M. de. **Lazer**: opção pessoal. Brasília, DF: Departamento de Educação Física, Esportes e Recreação, 1993.

GEBARA, A. Considerações para uma história do lazer no Brasil. In: BRUHNS, Heloísa (Org.). **Introdução aos estudos do lazer**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997. p. 61-81.

LAFARGUE, P. **O direito à preguiça**. São Paulo: Hucitec, 1999.

MAGNANI, J. G. Lazer, um campo interdisciplinar de pesquisa. In: BRUHNS, Heloísa; GUTIERREZ, Gustavo (Org.). **O corpo e o lúdico**. Campinas: Autores Associados, 2000. p. 19-33.

RAGO, M. O cassino americano, ou reflexões sobre o lazer em tempos pós-modernos. In: BRUHNS, Heloísa; GUTIERREZ, Gustavo (Org.). **O corpo e o lúdico**. Campinas: Autores Associados, 2000. p. 5-18.

ROLIM, L. C. **Educação e lazer**: a aprendizagem permanente. São Paulo: Ática, 1989.

WERNECK, C. **Lazer, trabalho e educação**: relações históricas, questões contemporâneas. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2000.

Recebido em agosto de 2002
Revisado em outubro de 2002
Aceito em novembro de 2002

Endereço para correspondência: Wellington Araujo Silva, Rua Miguel Gustavo, 476, Edf. Ambar, 101, Brotas – Salvador – Bahia, Brasil, CEP: 40.285.010. E-mail: wellington@uefs.br